

## A caminho do altar

Nunca imaginei um casamento comigo no altar, ao lado de uma mulher. Mas está para acontecer. Dirijo pela avenida Brasil, no sol de domingo a caminho da Penha, onde fica a igreja escolhida. Sabrina, minha cunhada, grava alguns vídeos pelo celular, registra o momento em todos os detalhes. Minha sogra está atrás, mandando áudio e interagindo com as irmãs da igreja pelos inúmeros grupos.

O sol brilha e é um ótimo dia para um casamento. O rádio ligado numa estação gospel me distrai rapidamente e esqueço por completo a presença das duas mulheres. Mantenho a concentração no volante e vou viajando pela voz das cantoras e por elas me lembro da última noite, da minha despedida de solteiro. Comecei a noite acompanhado dos irmãos e irmãs da igreja, num culto de ação de graças pelo meu matrimônio e de Ana, minha noiva. Os convidados conversavam e nos envolviam nos detalhes sobre a vida de recém-casados, de como nós curtiríamos viver esse início da vida a dois. A pastora Miriam ministrava a palavra sobre a minha cura, do milagre concedido ao irmão ex-gay Josias, da unção de Deus na vida de Ana.

- Nossa, quanta gente no Piscinão hoje! – o comentário da Sabrina me alerta de novo para a presença das mulheres. É então que minha sogra aproveita o comentário e segue o rastro do assunto, começando a explicar como o bairro de Ramos mudou desde sua juventude, até agora.

A mulher não consegue manter nossa atenção nela. Logo minha cunhada volta para seu mundo virtual, enquanto eu finjo manter o foco na pista e volto para as imagens de ontem. Voltava pela mesma avenida Brasil, depois de deixar Ana em casa, quando fiz a curva na Av. Nova York até conseguir um retorno numa outra rua e estacionar próximo ao letreiro luminoso da *Black & Withe*.

Penso nos dançarinos sobre o queijo que dançam e observam os homens na pista da boate. As luzes coloridas que cobrem os corpos descamisados no ar quente do ambiente. Lembro de ser puxado por uma drag-queen para fora da pista e só então reconhecer Ricardo por trás da maquiagem e das roupas femininas, escandalosamente iluminadas pelas luzes. Bebemos, dançamos, nos beijamos, até terminarmos a noite no meu carro, ainda estacionado próximo à entrada.

- De Ramos até quase ali, na av. Lobo Júnior eu precisava andar porque não tinha passagem, acredita, Josias? – a pergunta me trouxe de volta para a conversa, que ainda era sobre o mesmo bairro. Interajo aos poucos, tentando mudar de assunto, e Sabrina também volta a dar atenção pra nós. O carro segue até parar no sinal à frente.

- Misericórdia! Mais um sinal? Avança isso, Isaias! – disse Sabrina, indignada.

- Não faça isso, meu filho! Ande direitinho e não escute essa aí. – E quando minha sogra começa outro falatório, volto a pensar em Ricardo. Essa sim uma despedida de solteiro memorável! Depois de tirar a peruca, a maquiagem, e deixar Joana Laffayette de lado por um

momento, ainda era o mesmo homem que me condenou à cura gay anos atrás. Há muito eu não o via na *B&W*.

- Isaias... Isaias! – minha sogra me chamou de volta da distração – Acorda, filho! Já estamos atrasados... Pé no acelerador.

- Pois é. Não sei como você inventou de lavar esse carro justamente no dia do casamento. – Responde Sabrina e lembro então da maquiagem de Joana no banco de trás. – Parece até que não quer casar. Vai, homem...

Ouçó à seco o comentário.

Olho pro acelerador, mas, antes de acelerar vejo a sandália 39 cravejada de pedras brilhantes falsas. Então volto a dirigir, ainda com atenção a elas – que discutem por conta do comentário maldoso de Sabrina – e também à nova descoberta, que podia ferrar com todo o casamento. Sigo em silêncio, enquanto as mulheres remoem seus desentendimentos e num momento de distração delas, çoço a perna... abaixo um pouco mais, pego rapidamente a sandália e a lanço pela janela antes de subir o viaduto da Penha.

Em menos de dez minutos chegamos à porta da igreja. Apesar do clima de tensão pelo enorme atraso do noivo, ainda dentro do carro, vejo os convidados felizes. A maioria usa máscaras, conversam entre si; são colegas da igreja. De longe vejo Ana, distraída com sua melhor amiga, que usa um longo vestido amarelo, com um super decote, diferente das outras mulheres mais cobertas. Elas ficam alegres por me verem de longe e Ana sorri pra mim.

- Meu Deus do céu, mãe! A senhora perdeu a sandália dentro do carro? – Sabrina volta ao mesmo tom de insatisfação com a mãe.

- Não é possível. Só se essa sandália tomou chá de sumiço! – diz minha sogra. Lembro, então, do pé esquerdo que vi debaixo do banco e que joguei para fora.

Deixo as chaves com o rapaz à porta da igreja para que estacione o carro, sem me importar com o novo problema das minhas parentes e tomo meu lugar no altar para esperar Ana, agora minha esposa. Ela entra, está feliz e quando a recebo das mãos de seu tio mascarado, ela confessa ao meu ouvido que esperava muito a chegada desse dia. “Hora de sair de cena e viver nosso romance real”, ela cochichou. Aperto sua mão, feliz de poder deixar aquele palco de ilusões ao lado de uma amiga.

Vitor Felix